

Visita turística a espaços fortificados: o caso do Forte de Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil

Ana Elizabeth Valle de QUEIROZ¹

Marisa EGREJAS²

Roberto BARTHOLO³

Resumo: Este estudo procurou apresentar como as antigas fortificações, lugares tradicionalmente dedicados à defesa do território, vêm se transformando para acolherem os visitantes utilizando-se como exemplo uma pesquisa realizada no Forte de Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil, que se encontra aparelhado para a visita pública e recebe impressionante número de visitantes locais, nacionais e internacionais. Ao final do estudo, consideramos que esta fortificação vem cumprindo seu papel de mediadora na construção de sentidos sobre o passado, legitimando dessa forma a memória social.

Palavras-Chave: Turismo. Fortificações. Museu. Turistificação.

Introdução

Durante os anos de 2012 e 2014, o Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (LTDS), vinculado ao Programa de Engenharia de Produção do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia Luiz Alberto Coimbra (COPPE), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), desenvolveu um projeto de criação de roteiros turísticos em antigas fortificações da Baía da Guanabara. Esse projeto contou com a parceria do Exército Brasileiro, detentor das edificações pesquisadas, e com o apoio do Edital Pensa Rio 2011, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), no Brasil.

O projeto – intitulado Roteiros dos Fortes: circuitos turísticos em fortes e fortalezas da Baía da Guanabara – teve como objetivos a concepção de um elenco de roteiros turísticos e a construção de uma página na Internet com a finalidade de divulgá-los. Com ele, buscou-se ampliar, adaptar e consolidar uma metodologia de construção de roteiros turísticos – denominada Roteirização Dialogal – experimentada com sucesso em um projeto precedente desenvolvido pelo próprio LTDS, na região portuária do Rio de Janeiro, Brasil.

Nessa segunda aplicação da metodologia, o LTDS contou com a colaboração direta de Professores dos Departamentos de Turismo das Universidades Federais Fluminense (UFF), Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e de mestrandos e doutorandos de seu próprio programa.

O estudo referiu-se a seis fortificações da barra da Baía da Guanabara, sendo três no Rio de Janeiro (Forte de Copacabana, Forte Duque de Caxias e Fortaleza de São João) e três

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro; SEEDUC, Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. anabethqueiroz@gmail.com.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro; SEEDUC, Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. marisaegrejas@gmail.com.

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro. bartholo@pep.ufrj.br.

na cidade vizinha de Niterói (Fortes de São Luiz e do Pico e Fortaleza de Santa Cruz da Barra). Embora todas as fortificações estudadas já recebam visitantes há alguns anos, cada uma delas encontra-se em um nível diferenciado de atendimento ao visitante.

O artigo aqui exposto apresenta detalhada e exclusivamente uma delas – o Forte de Copacabana – que se encontra mais bem aparelhada para a visita pública e recebe impressionante número de visitantes locais, nacionais e internacionais⁴. Tomamos esta fortificação como base empírica para apresentar como esses lugares, tradicionalmente dedicados à defesa do território, vêm se transformando para acolherem os visitantes.

Cenário

As fortificações erigidas no início da ocupação portuguesa no Brasil foram estrategicamente implantadas nas principais embocaduras, deltas de rios e baías que poderiam vir a servir de portos seguros às embarcações (Mendes, 2007, p.28). Se até então era comum na Europa efetuar a defesa do território com o cercamento das cidades e com a implantação das fortificações em sítios elevados, após as últimas décadas do século XVI, essas estratégias se tornaram inócuas e foram gradualmente sendo abandonadas devido ao surgimento de novas armas de guerra que utilizavam pólvora e eram mais potentes no ataque à distância (Idem, p.46). Para resguardar o território das ameaças que vinham do mar ou da terra, engenheiros militares passaram a utilizar novos modelos de fortificações em posições fixas e estratégicas, com cortinas reforçadas, baluartes e revelins, substituindo os muros que cercavam as cidades (Ibidem).

Portugal se utilizou de diversos tipos de fortificações ao estabelecer seus planos de defesa do território brasileiro, direcionadas tanto para a defesa da costa, como para os perigos vindos do interior. Inicialmente foram erguidas com taipa de pilão e depois com alvenaria de tijolos e pedras. Algumas resistiram aos ataques e às intempéries e, hoje, carregadas de memórias, fazem parte do nosso patrimônio histórico-cultural, a maioria delas sob a guarda do Exército Brasileiro.

[...] há hoje dezenas de fortes no Brasil, indo desde construções modestas, perdidas no interior das matas, até monumentos imponentes, que ainda hoje nos impressionam, cativam e emocionam pela lembrança dos feitos de nossos antepassados (Castro, 2009, p. 12).

O Rio de Janeiro, desde sua fundação no século XVI, tem a história de seu desenvolvimento atrelada à defesa do território e à forma como foi estruturado o sistema defensivo da Baía de Guanabara. Essa baía, ampla e abrigada por dois morros que delimitam a entrada da barra – Pão de Açúcar e Santa Cruz –, apresenta boa profundidade e grande espaço para ancoragem de navios. Esse foi o grande diferencial para transformar a cidade em um centro econômico importante desde os tempos coloniais (Moraes, 2006, p.16-17).

⁴ Esse trabalho está baseado na Dissertação de Mestrado de A. E. V. Queiroz, defendida em abril de 2014, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Programa de Engenharia de Produção do Instituto Luiz Alberto Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia, COPPE.

Ao longo dos séculos, a cada mudança significativa da tecnologia bélica ofensiva, o sistema de defesa foi sendo atualizado visando manter seu poder de proteção à cidade. Algumas fortificações tornaram-se obsoletas e foram abandonadas. Outras, por estarem em sítios estratégicos para a defesa foram sendo modernizadas, acrescidas de novas tecnologias sobrepostas às antigas. Ao longo dos séculos, a tecnologia bélica tornou necessário o aparelhamento e a construção de novas fortificações, que ocuparam o alto das rochas e pontos mais distantes da embocadura da Baía da Guanabara, como foi o caso do Forte de Copacabana.

Após a Segunda Guerra Mundial, quando a aviação passou a ter grande importância e foram inventados os mísseis guiados de longo alcance, as fortalezas foram consideradas obsoletas para a defesa do território. Projetar fortes para destruir navios blindados tornou-se anacrônico, pois os navios de guerra de superfície armados de canhões – especialmente os encouraçados – haviam praticamente desaparecido (Castro, 2009, p. 125).

Esse grande contingente de edificações, destituídas de sua função principal, terminaram tornando-se um peso financeiro para sua manutenção. O Exército passou, então, a procurar novas funções para elas, já que reconhecem nelas o seu valor patrimonial.

As fortificações, que sempre se caracterizaram como “construções funcionalistas” por excelência, hoje esvaziadas de suas funções militares, buscam se adaptar a novos programas sociais. São documentos da história e da arte que as gerações futuras têm o direito de conhecer e se reconhecer (Mori et al., 2003, p. 29).

Como veremos a seguir, o Forte de Copacabana, objeto de nosso estudo, não fugiu a essa condição de obsolescência, sendo alvo, inclusive, da especulação imobiliária, por sua localização em espaço privilegiado na cidade do Rio de Janeiro, durante a década de 1970.

O Bairro de Copacabana

Não se sabe exatamente quando, nem pelas mãos de quem, mas entre os séculos XVI e XVII, chegou ao Rio de Janeiro, uma imagem da Virgem de Copacabana, que é comumente venerada pelos habitantes do Lago Titicaca, na fronteira entre a Bolívia e o Peru.

Foi entronizada numa capela erguida por pescadores sobre o promontório de Copacabana e passou a atrair inúmeros peregrinos em romaria. Segundo Gerson (2000, p. 316), essa teria sido a origem do nome do bairro.

Ao longo do tempo, esse mesmo ponto sobre a pedra avançada sobre o mar passou a ser considerado estratégico para a defesa da barra, e ali foi levantada uma pequena fortificação vizinha à igreja. Ambos conviveram no mesmo espaço até o início do século XX, quando a recém-entrada na era republicana suscitou um reaparelhamento dos pontos defensivos da cidade, substituindo a pequena fortificação por uma bem maior e mais potente, impondo a mudança de endereço da igreja.

Até o final da década de 1910, Copacabana era um grande areal, habitado apenas por pescadores. A necessidade de crescimento da cidade e os investimentos na melhoria dos acessos a esse ponto da cidade – abertura de vias, túneis e transportes públicos – foram

responsáveis pela rápida concentração de habitantes. O bairro atraiu a elite carioca, artistas e intelectuais. Na década de 1940, Copacabana já era um bairro verticalizado, com terrenos e apartamentos supervalorizados no mercado imobiliário, muitos dos quais, de dimensões extremamente pequenas (Cardeman, p. 182-183). A praia e o modo de vida carioca também atraíram turistas brasileiros e estrangeiros, principalmente no verão, dando início ao aluguel de temporada (Bárcia, 2005, p. 64). Copacabana passou a representar o Brasil moderno, alimentando em muitos o desejo de morar ali. Seu apogeu se deu nos anos 1960, com a concentração de estabelecimentos comerciais, a diversificação de serviços e com o movimento musical da Bossa Nova, que fez do bairro uma referência internacional na produção cultural.

Atualmente, ele se apresenta, como outras importantes regiões cosmopolitas do mundo, com uma enorme diversidade de culturas, de vivências e de relações humanas, mas que, aqui, mesclada com a paisagem natural e o jeito de ser do carioca, terminou por criar uma identidade própria e peculiar. É um bairro onde convivem muitos idosos⁵, gente bronzeada, imigrantes, turistas, prostitutas, travestis e moradores de rua.

É comum vermos o Rio de Janeiro representado nos cartões postais pelo desenho estilizado de ondas do mar do mosaico de pedras pretas e brancas do calçamento da Avenida Atlântica. Nessa avenida está situada grande parte dos restaurantes, cuja principal característica é manter mesas e cadeiras ao ar livre, aliando a gastronomia à ociosa contemplação da natureza e à confraternização entre amigos.

Pela amplitude e facilidade de acesso, a Praia de Copacabana também vem sendo utilizada para a realização de inúmeros eventos públicos de grande porte, como por exemplo, a queima de fogos de artifícios da festa de Reveillon, shows, eventos esportivos e até religiosos, que atraem moradores e turistas, nacionais e estrangeiros.

Também é nesse bairro, que se encontra a maior concentração de empreendimentos hoteleiros da cidade, incluindo um dos mais luxuosos hotéis do país – o Copacabana Palace Hotel, que desde 1922, marca a região e a cidade com o seu glamour, sendo referência no setor dos meios de hospedagem.

Segundo uma reportagem publicada no Jornal O Globo, em 09/04/2013 (Costa, 2013), Copacabana conta hoje com 63 hotéis e 7.366 quartos. Em virtude dos grandes eventos programados para a cidade do Rio de Janeiro, o bairro vem recebendo investimentos no setor hoteleiro da monta de R\$ 500 milhões que acarretarão 1.800 empregos. Até as Olimpíadas de 2016, Copacabana ganhará 12 novos hotéis o que representará 1.914 unidades habitacionais a mais. Alguns empreendimentos já estão em construção e outros se encontram em fase de análise pela Secretaria Municipal de Urbanismo. Ibis, Golden Tulip e Windsor são algumas das bandeiras da rede hoteleira que estão investindo no bairro.

⁵ Copacabana, no Rio, é o bairro que concentra o maior número absoluto de idosos entre os bairros do País (43.431 moradores com 60 anos ou mais, quase um terço da população). Fonte: IBGE Censo 2010. <<http://bit.ly/1lSk9L3>>. Acesso em: abr. 2013.

O Forte de Copacabana

O Forte de Copacabana ocupa um sítio natural, em uma ponta que faz limite entre a Praia de Copacabana e a praia de Ipanema. Foi a última fortificação a ser erguida na cidade, em 1914, e em sua época, representou um marco na história da defesa dos portos cariocas. “A espessura das paredes, 12 metros na face para o mar e 4 metros no topo, tornava a estrutura praticamente imune ao fogo da artilharia naval” (Castro, 2009, p.461). Possui seis canhões Krupp com capacidade para atingir alvos com até 23 km de distância (dois canhões de 305 mm; dois de 190 mm; e dois de 75 mm).

A construção representou um importante desafio às engenharias militares do Brasil e da Alemanha (fabricante dos canhões), devido às condições do terreno, à proximidade do mar e pelo peso do armamento. Apesar da complexidade, do tamanho e peso das peças e do volume de concreto necessário, a construção avançou rapidamente, ficando pronta em menos de sete anos. Custou o equivalente a 550 milhões de reais em valores equivalentes aos de hoje.

Segundo Castro (2009, p. 125),

Em 1975, o Forte de Copacabana, a jóia maior de nossas fortificações, mas cuja funcionalidade como posição defensiva já estava bem reduzida, por causa da cidade que crescera ao seu redor, foi desativado. (p. 125).

Nessa mesma época, o Ministério do Exército havia anunciado a intenção de se desfazer dos imóveis localizados em zonas urbanas. A ideia era vender os imóveis altamente valorizados, pela impossibilidade de expansão e de restrições impostas à instrução da tropa e à própria segurança do aquartelamento, e investir os recursos obtidos na construção de novos quartéis. O Forte de Copacabana encabeçava a lista de várias unidades militares que seriam vendidas.

Buscando proteger o Forte contra um projeto de demolição do prédio para construção de um hotel de turismo, o General Ernesto Geisel, então Presidente da República, assinou um decreto incorporando as instalações do Forte de Copacabana ao Patrimônio da União, preservando-o de quaisquer ideias destrutivas.

Na intenção de mantê-lo íntegro, mas funcional e autossustentável, o espaço foi destinado à guarda da memória e difusão da cultura militar. A partir de 1987, o Forte de Copacabana tornou-se então um espaço aberto ao público, como Museu Histórico do Exército.

Passados alguns anos, além do Forte de Copacabana outras fortificações abriram suas portas à visitação. A turistificação tornou-se então um projeto do Ministério do Exército, que a normatizou por meio da Portaria nº 615, de 13/11/2000 (Disponível em: <[http://www.dphcex.ensino.eb.br/?page=norm leg](http://www.dphcex.ensino.eb.br/?page=norm_leg)>. Acesso em 23 mar. 2015). Este documento regulamenta a abertura das fortificações ao turismo, tendo como objeto da ação, mais de 100 fortificações militares em todo território nacional.

Uma vez transformado em centro cultural, o Forte de Copacabana precisava se preparar para exercer sua nova missão, exigindo esforço dos militares para sua recuperação e para a adequação do espaço à circulação civil e lúdica. Para isso, formou-se uma equipe

multidisciplinar, composta por militares, historiadores, museólogos, arquitetos, artistas plásticos, dentre outros profissionais, reunidos na intenção de tornar o Forte um atrativo turístico e de integrá-lo ao circuito turístico da cidade como parte do segmento histórico-cultural.

Conforme o depoimento do Ministro Zenildo de Lucena em entrevista concedida à revista Da Cultura, Ano IX/nº16, de abril de 2010, a curadoria do espaço de exposição permanente, deveria valorizar como tema central a apresentação dos feitos heróicos do Exército Brasileiro:

Desde que assumi o Ministério do Exército, percebi o potencial turístico que oferecia o Forte de Copacabana. Era preciso uma transformação radical para que se tornasse uma atração turística de destaque na Cidade do Rio de Janeiro. Seria também a projeção do Exército para os milhares de visitantes que iriam conhecer uma histórica fortificação militar construída para a defesa do Brasil no século XVIII (sic). Investi recursos para que se pudesse executar o planejamento de um museu onde seria contada a história do Brasil Colônia, do Império e da República. A Fortaleza e os canhões foram restaurados, eventos sucederam-se aproveitando a beleza arquitetônica e paisagística do local. (Em: <http://www.funceb.org.br/images/revista/19_5p3s.pdf>. Acesso em: 11 mar 2013).

Desde então, o Museu Histórico do Exército/Forte de Copacabana (MHEx/FC) vem se qualificando para aprimorar seu atendimento ao público. Ao longo desses anos, muitas foram as ações, por parte daqueles que cuidam do lugar, militares e civis, voltadas para o atendimento ao visitante, oferecendo uma agenda cultural diversificada, com eventos musicais, de dança, exposições de artes plásticas, entre outros.

Este artigo dedica-se especialmente a apresentar as ações empreendidas pelo Exército e pelo Comando do Forte de Copacabana que o levaram a tornar-se um dos atrativos mais visitados da cidade do Rio de Janeiro. Conforme artigo escrito pelo pesquisador Castro (2013),

[...] no Rio de Janeiro, o terceiro ponto turístico mais visitado do estado, logo atrás do Cristo Redentor e do Pão de Açúcar, é o Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana, que chega a ter mais de 780 mil visitantes por ano, mais do que qualquer outro museu da cidade.

Materiais e Métodos

A pesquisa na qual se baseia esse artigo, realizada entre os anos 2012 e 2013, teve como proposta traçar um panorama sobre as relações entre o MHEx/FC e os visitantes, buscando incluir aspectos simbólicos existentes. Intencionou contribuir para a compreensão de como esse lugar dedicado à defesa transformou-se em um lugar difusor de cultura e lugar de memória. Dessa forma, as discussões se restringiram à abertura para o turismo, tendo foco no campo social e abordagem multidisciplinar.

Para tanto, buscou-se evidenciar as relações históricas entre o MHEx/FC e a cidade do Rio de Janeiro, caracterizar os visitantes e suas relações com o MHEx/FC, e identificar os

atores e registrar fatores responsáveis pelas transformações da função original do Forte de Copacabana.

Iniciou por uma pesquisa bibliográfica para aprofundamento e organização dos dados já existentes, para reunir dados históricos e conhecer o modus operandi do sítio. Ao longo do processo foram ainda realizadas pesquisas com os visitantes e entrevistas semiestruturadas com atores-chave, além do levantamento dos marcos legais.

Os instrumentos de pesquisa variaram entre livros, revistas, jornais, sites, fotos, mapas, formulários de entrevista e consultas diretas a membros da equipe do MHEX/FC. O registro da coleta de campo foi realizado por meios gráfico, áudio, gravação em vídeo e fotos, dependendo dos dados a serem registrados.

A pesquisa propriamente dita se pautou nas abordagens qualitativas, não padronizadas, uma vez que necessitava trabalhar com o universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (Moesch, 2000, p. 62). Figura-se, mais especificamente, nas categorias de pesquisa exploratória – uma vez que organiza dados até então sistematizados e os oferece como base para novas pesquisas e explorações – e como estudo de caso – já que se propõe a uma análise ampla com intenção de compreendê-la em seus próprios termos (Goldenberg, 2004, p. 33).

Com o intuito de traçar algumas características sobre o visitante do MHEX/FC, foi realizada uma pesquisa que se apoiou em dois tipos de ferramentas, o exercício da observação empírica e as entrevistas estruturadas. No entanto, vale frisar que, tanto a observação como as entrevistas, ocorreram em momentos pontuais, num período de tempo relativamente curto, o que, estatisticamente, inviabiliza traçar um “perfil” genuíno do visitante. O que se tem, então, é uma descrição do visitante pautada em um contexto restrito, considerados experimentais e para fins específicos da pesquisa. Foram realizadas 438 entrevistas, sendo 252 com turistas e 186 com moradores. A amostra foi determinada na razão de 1 para cada 5 visitantes, abordados no momento da sua saída da fortificação, observando a mesma proporção para grupos, ou seja, em grupos de 10 pessoas, apenas 2 seriam entrevistadas. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram de dois tipos, um formulário com perguntas fechadas dirigidas aos visitantes moradores do município Rio de Janeiro e municípios adjacentes, e outro semelhante para turistas, nacionais e estrangeiros.

Discussão

O sítio em questão é uma Unidade Militar – um quartel do Exército – e como tal, mantém as rotinas e os protocolos específicos das atividades militares. Em virtude de sua função peculiar, o quadro de pessoal que atua neste sítio histórico tem uma composição diversificada, sendo constituído tanto por militares, de carreira e temporários, assim como por civis com formações profissionais variadas.

O comando do sítio e do museu é restrito ao oficial de carreira, e têm como alcance de sua gestão outros sítios históricos da cidade, como o Museu Conde de Linhares, a Casa Histórica de Deodoro e o Panteão Duque de Caxias. Estes últimos funcionam em outros

bairros e por essa razão, contam com o auxílio de um administrador local, subordinado ao Forte de Copacabana.

O setor técnico está sob a responsabilidade de um militar com formação em História e este tem entre suas tarefas cuidar das visitas e dos espaços que são visitados; capacitar e inspecionar os soldados-guias; supervisionar o setor educativo, além de dar suporte teórico a todo conteúdo histórico – militar ou geral – utilizado no material de formação e de divulgação. A este setor também estão ligados os demais profissionais associados à atividade museológica, tais como restauradores, museólogos e arquivistas. Todos os setores do MHEX/FC trabalham de maneira integrada de forma que possam melhor atender ao visitante.

O setor de Comunicação Social cuida da divulgação do museu no que diz respeito à comunicação externa, elaboração de folheteria, criação de material educativo e também da agenda cultural. Uma das ferramentas de valor significativo adotada para a divulgação do museu é a Agenda Cultural mensal com a programação do MHEX/FC. Editada nas versões eletrônica e impressa, divulga as informações no site oficial do museu, em malas diretas e é distribuída no portal de entrada do MHEX/FC. A publicação chega a todos os demais museus da cidade, às entidades escolares e às pessoas que se relacionam diretamente com o museu, assim como aos quartéis militares e aos estabelecimentos comerciais do entorno, principalmente hotéis e restaurantes.

O sítio histórico ocupa hoje todo o promontório. À entrada está a bilheteria e o Pórtico de entrada, permanentemente guardado por um soldado vestido com um uniforme militar do período imperial. Este, por dever-se manter impassível diante da portaria, tornou-se um atrativo turístico para crianças e adultos. A troca da guarda – realizada a cada hora e meia – atrai igualmente a atenção dos visitantes.

Passado o pórtico, o visitante encontra à sua esquerda a amurada de contenção do terreno que segue até o fundo do sítio, voltada para a Praia de Copacabana. À direita, encontra-se o alinhamento de edifícios que abrigam as salas de acolhimento do visitante e de exposições temporárias, a entrada do museu propriamente dito, restaurantes, loja de souvenirs, toaletes e um segundo pórtico que dá acesso à parte onde se encontram os canhões. Atrás desse conjunto está a elevação de pedra, espaço descampado à beira-mar, utilizado como heliponto ou alocado para grandes eventos. Por esse caminho chega-se às cúpulas dos canhões, que estão no lugar mais distante do continente e avançado sobre o mar. Todos estes espaços estão abertos à visita.

O Museu Histórico do Exército está montado em uma edificação de três andares. Seu acervo divide-se nos períodos colonial, imperial, republicano até 1945 e relativo à Segunda Guerra Mundial; além desses, são exibidas vitrines especialmente dedicadas ao Marechal Rondon e sua atuação na Amazônia, ao Levante dos 18 do Forte (importante movimento militar) e, ainda, uma representando a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Outra sala expõe os bustos dos militares que atuaram como Presidentes da República.

Além da exibição de seu acervo próprio, o MHEX/FC atua como parceiro em diversas ações de cunho social, participando com a cessão de espaço, de equipamentos e de

divulgação em projetos que constam de sua agenda social. Dentre as atividades culturais figuram mais de 15 grupos vinculados à população do entorno, como por exemplo, os Centros de Literatura do Forte, Chorinho no Forte, Encontro de Corais, Interdanças no Forte, Música no Museu, Banda no Forte, Curta com Teatro, Exposição de Carros Antigos, Orquestra Violões do Forte, dentre outros. A sala de exposição temporária também é cedida gratuitamente para grupos de artistas cujos temas de seus trabalhos façam interface com a marca Forte de Copacabana. A beleza do lugar termina por atrair fotógrafos, cineastas e até noivos, que se aproveitam da bela vista como cenário para seus álbuns de casamento. E ainda, cabe destacar o trabalho de recepção e atendimento a grupos de estudantes das redes públicas, municipal e estadual, que visitam a fortificação nos dias de semana acompanhados por um soldado-guia.

Todos os trabalhadores do MHEX/FC, sejam eles militares ou civis, estão dedicados à recepção dos visitantes. Em sua grande maioria, os visitantes circulam autonomamente pelos espaços da fortificação. Mas há a opção de utilizar gratuitamente o serviço de guiamento, desde que agendado com antecedência. Nesse caso, na linha de frente da recepção está o soldado-guia que, logo no pórtico de entrada, dá as boas vindas aos visitantes, faz recomendações sobre a segurança e acompanham o grupo fazendo interpretações do patrimônio.

As visitas guiadas são realizadas por jovens alistados no Serviço Militar obrigatório, alocados nesta unidade e que manifestam o desejo de conduzir os visitantes. No entanto, eles não realizam apenas essa tarefa e, quando não estão conduzindo visitantes, desempenham outras funções no setor técnico do museu. Esses jovens, na faixa dos vinte e poucos anos, são capacitados para exercerem a função de guia pelo historiador responsável pelo setor técnico enquanto fazem, concomitantemente, o curso de formação para a patente de cabo. Durante o período de capacitação, recebem aulas teóricas sobre História do Brasil e apoio para os estudos em apostila com conteúdos específicos e sugestões bibliográficas. Também faz parte da instrução do guia uma visita a outras fortificações para melhor entender o sistema de defesa da Baía de Guanabara e, conseqüentemente, a importância do papel do Forte de Copacabana nele. Utilizam um uniforme específico que lhes identifica dentre os demais soldados. São treinados para seguirem um procedimento padrão durante as visitas que diz respeito à abordagem e condução do visitante, recomendações quanto à segurança e melhor locomoção do grupo. De modo geral os jovens soldados não falam outro idioma o que implica o acompanhamento de outro militar, do setor de relações públicas, para fazer a tradução simultânea dos conteúdos abordados durante a visita guiada com estrangeiros.

Findo o período de serviço militar obrigatório – 10 meses – os soldados só podem permanecer no Exército se solicitarem o engajamento, o que significa manter-se vinculado por mais sete anos, podendo ser removido para outros quartéis. Por esse motivo, o grupo de soldados guias é periodicamente renovado, o que nem sempre é positivo, visto que necessitam de grande tempo para se prepararem adequadamente.

A turistificação do Forte de Copacabana

A turistificação de lugares é um fenômeno contemporâneo que vem atingindo várias partes do mundo desde que os espaços passaram a ser considerados pelas pessoas objetos de consumo. O processo de turistificação, na maioria das vezes, está relacionado à captação de investimentos direcionados à criação de infraestrutura para atrair visitantes e vem sendo adotado em muitas cidades com o intuito de revitalizar áreas antigas e/ou abandonadas que tenham algum valor histórico-cultural.

Partindo do princípio que o processo de turistificação demanda um conjunto de ações para preparar um lugar para a atividade turística, e que não existe atividade turística sem turistas, fica evidente que é imprescindível entender os motivos pelos quais eles fazem opções por determinados lugares em detrimento de outros (Knafou, apud Rodrigues, 1996). Obviamente, o turista não é o único agente capaz de interagir e colaborar com o fenômeno turismo. Cabe lembrar que os moradores, diferentemente dos visitantes que apenas passam pelo lugar, permanecem no sítio, fazendo uso de seus equipamentos e serviços. Sendo assim, o processo de turistificação deve ter em foco, também, o morador, pois pensando em melhor atendê-lo, conseqüentemente vai atender bem e satisfazer aquele que chega de fora.

A turistificação de um lugar é um processo permanente, indicando a necessidade de análise e superação constantes do atendimento ao visitante, seja ele visitante morador do lugar ou turista. No período em que foram colhidos os dados para este estudo, os responsáveis pela instituição apresentaram constante modernização do museu, revitalizando seus espaços de visitação, aprimorando a comunicação visual e o sistema de sinalização. Atualmente, o espaço dispõe de vários recursos turísticos no que diz respeito aos equipamentos e serviços voltados para o visitante, tais como: placas de orientação (português /inglês), serviço de alimentação, loja de souvenirs, folheteria com programação mensal (virtual, inclusive), serviço de guiamento pré-agendado, espaço para eventos, dentre outros em atendimento às demandas dos visitantes.

O visitante

O Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana apresenta um número significativo de visitantes, um quantitativo que sofreu um aumento vertiginoso ao longo dos anos. Segundo entrevista do Jornal Copacabana, realizada com o Coronel Edson Silva de Oliveira, em 2005 o número de visitantes era de 45 mil por ano e até o momento da entrevista (setembro de 2009) já havia chegado a 500 mil visitantes, com uma previsão de atingir 700 mil até o final do ano. Ainda segundo a reportagem, o Forte de Copacabana seria considerado “o terceiro ponto turístico mais visitado do Rio de Janeiro, atrás, apenas, do Corcovado e do Pão de Açúcar”.

A tabela 1, fornecida pelo Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana, demonstra o crescimento do número de visitantes no intervalo de 4 anos.

Tabela 1 – Visitantes.

Ano	Pagantes	Isentos	Grupos	Total
2009	554.328	54.903	11.526	620.757
2010	568.643	50.973	10.027	629.643
2011	573.316	69.901	9.017	652.234
2012	697.822	71.145	12.966	781.933

Fonte: Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana.

O número de visitantes ao MHEX/FC é extraído da bilheteria e dos agendamentos de visitas, ajudando a formar um quadro estatístico denominado Exército em Números. No entanto, essa contagem de público deixa de mensurar pessoas que adentram o Forte por estarem envolvidas na realização de algum evento – organizadores de alguma exposição e seus operários, por exemplo – e que acabam também por usufruir do espaço. Sabendo que o MHEX/FC apresenta uma agenda repleta de eventos ao longo do ano, é possível deduzir que o número de pessoas circulando no local é bastante maior do que o contabilizado.

Segundo a pesquisa realizada, em relação aos moradores, a principal motivação declarada para a visita ao MHEX/FC foi o desfrute da natureza e da paisagem local, seguida da intenção de participar de algum evento promovido dentro do Forte de Copacabana, enquanto que o terceiro motivo manifesto, foi a utilização dos serviços de alimentação. Quanto aos turistas entrevistados, a primeira motivação foi idêntica a dos moradores, usufruir da paisagem local, seguida de conhecer ou rever o patrimônio, e, também em terceiro lugar, ficou a utilização dos serviços de alimentação.

Quando perguntados sobre o atendimento ao visitante realizado pelos funcionários, tanto os moradores quanto os turistas, em sua grande maioria, considerou o atendimento excelente ou bom, revelando a aceitação dos procedimentos adotados em favor do visitante.

Outro ponto relevante a ser considerado, no que concerne ao sucesso de público, diz respeito à sensação de segurança durante a permanência do visitante no espaço, em virtude de ser uma instituição guardada pelo Exército Brasileiro.

O grande afluxo de pessoas tem justificativa também na agenda diversificada com numerosas atividades culturais de qualidade e muitas delas, gratuitas.

Além dos dados recolhidos pela pesquisa, percebeu-se empiricamente que, em grande parte, os visitantes – sejam moradores ou turistas – se relacionam com o espaço de maneira afetiva, sugerindo tê-lo como um *Sítio Simbólico de Pertencimentotal* como o entende Hassan Zaoual (2006). Compreendem o espaço como parte de suas histórias, de suas vidas, mantendo com ele uma relação diferenciada de um simples "lugar para ir". A entrada no sítio do antigo Forte de Copacabana – lugar impregnado de vida, valores, sentidos, crenças, revelações e realizações – desperta o visitante e o induzem a uma dinâmica própria, onde ele e o sítio se relacionam na interface do tempo e do espaço, entremeando o passado e o presente, semeando o sentimento de pertencimento.

Conclusão

Os estudos realizados levaram à compreensão de que o MHEX/FC atrai um grande número de visitantes em virtude de uma soma de fatores. Além de estar localizado em uma região de fácil acesso, com grande concentração de estabelecimentos comerciais e hoteleiros, o MHEX/FC suscita nos visitantes a sensação de segurança e de robusta consistência. Associado a essas sensações, está o fator de sua antiguidade histórica sempre dedicada à defesa dos cidadãos. A fortificação, assim como o acervo do museu, materializa esse passado e o conceito de "raízes", que é significativo para a sociedade. Somam-se a esses fatores, a boa infraestrutura do espaço – com destaques para a presença de um restaurante tradicional na cidade e para a qualidade do atendimento ao visitante oferecido pelos funcionários. Outro ponto responsável pelo afluxo de visitantes é a variedade e qualidade de sua programação cultural. Além desses fatores, colocamos em relevo, e talvez seja o fator principal, a beleza do cenário em que está situado – uma rocha que avança pelo mar entre as praias de Copacabana e Ipanema.

Este estudo procurou apresentar como as antigas fortificações, lugares tradicionalmente dedicados à defesa do território, vêm se transformando para acolherem os visitantes utilizando-se do exemplo do Forte de Copacabana. Ao final do estudo, consideramos que esta se mostra uma atitude positiva, pois reforça que as fortificações brasileiras, até então resguardadas pelo Exército Brasileiro, e hoje abertas à visitação vem cumprindo seu papel de mediadoras na construção de sentidos sobre o passado, legitimando dessa forma a memória social.

Referências Bibliográficas

Bárcia, M. F. (2005) *Desvendando o Cenário Urbano: Copacabana, Pirotecnia de Signos*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Castro, A. H. F. (2009) *Muralhas de pedra, Canhões de bronze, Homens de ferro: fortificações do Brasil de 1504 a 2006*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Exército Brasileiro.

_____. (2013) Muralhas da memória: fortificações, patrimônio e turismo cultural. *Caderno Virtual de Turismo*. Edição especial: turismo em fortificações. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.08-22, out. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/1d05aQ> Acesso em: nov. de 2013.

Cardeman, D., Cardeman, R. G. (2004) *O Rio de Janeiro nas Alturas*. Rio de Janeiro: Mauad.

Costa, J. (2013) Copacabana terá mais 12 hotéis até as Olimpíadas. *O Globo*. Rio de Janeiro, p.11, 09 abr.

DaCultura. Fundação Cultural Exército Brasileiro. (2010) Entrevista com o General Zenildo. Brasília, Ano IX, Nº16, abr. Acesso em: mar. de 2013. Disponível em: http://www.funceb.org.br/images/revista/19_5p3s.pdf.

Exército Brasileiro. (2000) *Portaria Nº 615, Normas para a abertura das fortificações à visitação pública*. Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército. Rio de Janeiro. Publicada em 13/11/2000. Disponível em: <[http://www.dphcex.ensino.eb.br/?page=norm leg](http://www.dphcex.ensino.eb.br/?page=norm_leg)>. Acesso em: mar 2015.

- Gerson, B. (2000) *História das ruas do Rio: e da sua liderança na história política do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lacerda Ed.
- Goldenberg, M. (2004) *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- Mendes, F. R.; Veríssimo, F. S.; Bittar, W. S. M. (2007) *Arquitetura no Brasil: de Cabral a D. João VI*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio.
- Moesch, M.a M. (2000) *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto.
- Moraes, S. Z. (2006) *As fortificações da cidade do Rio de Janeiro: uma abordagem histórica visando a contribuição para o desenvolvimento do turismo cultural*. Coleção Patrimônio Turístico – v.3, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro – Secretaria Especial de Turismo, Rio de Janeiro.
- Mori, V. H.; Lemos, C. A. C.; Castro, A. H. F.de. (2003) *Arquitetura Militar: um panorama histórico a partir do Porto de Santos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Fundação Cultural Exército Brasileiro.
- Queiroz, A. E. V. de. (2014) *Forte de Copacabana: patrimônio, memória e visitaçã*. Dissertação de Mestrado. Programa de Engenharia de Produção, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientação Roberto Bartholo.
- Rodrigues, A. A.B. (1996) *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Ed. HUCITEC.
- Zaoual, H. (2006) *Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global*. Trad. Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, Consulado Geral da França, COPPE/UFRJ.